

PROTESTANTISMO EM FEIRA DE SANTANA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Elizete da Silva

elisilva@ufba.br

Universidade Estadual de Feira de Santana

Universidade Federal da Bahia

INTRODUÇÃO

Pretende-se nesta comunicação abordar a implantação do protestantismo em Feira de Santana, bem como estudar as relações com a sociedade circundante e as representações construídas pelos diversos grupos em relação aos aspectos sociais e políticos da realidade local. O universo cronológico vai de 1935 a 1995. Trata-se de uma pesquisa em andamento com resultados provisórios.

Feira de Santana no início do século XVIII era uma fazenda localizada na estrada das Boiadas, próxima do arraial de São José das Itapororocas e pertencia a comarca de Cachoeira, Bahia. O comércio de gado era a atividade mais importante, embora contasse também com atividades agrícolas.

Conforme Poppino, já no início do século XIX a “Princesa do Sertão” era considerada o maior arraial da Paróquia de São José das Itapororocas e uma das três principais feiras da Província”.¹ Destacando-se dos demais arraiais pelo seu desenvolvimento econômico, em 1873 a vila foi elevada à categoria de cidade com o significativo topônimo de Cidade Comercial de Feira de Santana.

Em 1930 a cidade de Feira de Santana afirmava-se como comercial e progressista e foi exatamente na mesma década que o primeiro núcleo protestante instalou-se na Princesa do Sertão.

Ao estudar a situação econômica da região feirense Rossine Cruz constatou que o “município de Feira de Santana, que em 1940 já possuía a quinta maior população do estado (a maioria rural como, aliás, aconteceu em quase todo o país), passaria por um processo de urbanização acelerada nas décadas seguintes, com taxas anuais de crescimento crescentes, até alcançarem 4,4% nos anos 70. A abertura e melhoria de estradas, aliada ao desenvolvimento do sistema de transportes, facilitaria os deslocamentos em direção à capital do estado, tornando Feira um grande “colchão amortecedor” dos fluxos migratórios que destinavam-se a Salvador ou mesmo ao Sudeste do país. Em 1970 haviam 35.209 habitantes não naturais e residentes há

¹ POPPINO, R. Feira de Santana, p.21

menos de 10 anos no município. Isto significava 72% do acréscimo populacional ocorrido entre 1960 e 1970.”² O que buscava essa nova população? Evidentemente emprego e oportunidades para pequenos empreendimentos.

Fundamentalistas, Batistas, Congregacionais, Presbiterianos, Assembleianos e posteriormente IURDIANOS (da Igreja Universal do Reino de Deus) instalaram-se definitivamente em Feira de Santana, nesse contexto de mudanças demográficas e urbanas na cidade. A Igreja Católica estava na região desde o início do século XVIII. Em 1846 tornou-se Sede Paroquial a freguesia de Feira de Santana. Portanto, o campo religioso feirense era hegemônica e historicamente católico, desde a fundação do arraial. O protestantismo constituía-se, assim, como um credo alternativo e concorrente da religião majoritária, especialmente pela sua caracterização missionária e proselitista, sempre em busca de novos fiéis.

Certamente que esse novo contingente populacional migrante tornou-se alvo preferencial das doutrinas reformadas e posteriormente clientela e membrezia. A mensagem protestante, a rede de solidariedade e vida comunitária tornavam-se um grande atrativo para esses “estrangeiros”, que buscavam em Feira de Santana um novo espaço de convivência/sobrevivência. Essas denominações religiosas apresentavam-se, talvez, como o único espaço de sociabilidade para essa população não feirense, desenraizada e pobre.

Além de oferecerem a promessa das bênçãos e do Reino dos Céus, ofereciam vida comunitária, a fraternidade dos irmãos e a respeitabilidade da religião do livro.

Tomando como ponto de referência teórica a religião com um elemento constitutivo da cultura, portanto mantendo uma relação dinâmica com os demais elementos formadores de uma dada realidade cultural, elegeu-se como linha de abordagem a que se elabora recentemente nos marcos da História Cultural.

Chartier, na sua obra “*A História Cultural – Entre Práticas e Representações*”, opina que o principal objeto de uma História Cultural é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler³.

PROTESTANTES NA BAHIA

A presença sistemática do protestantismo na Bahia data da primeira metade do século XIX, quando se tem notícia que em 1821 havia uma capela inglesa, hospital e um cemitério britânico para atender os anglicanos súditos de S. M. Britânica que formavam uma promissora colônia inglesa formada por comerciantes, capitalistas, diplomatas e posteriormente engenheiros interessados na implementação de empreendimentos modernizadores na Província baiana. A S.

² CRUZ, Rossine. *A Inserção de Feira de Santana...* p.208

³ CHARTIER, Roger *op. cit.*, p.17

George Church ou Bahia British Church representava um protestantismo de imigração, funcionando apenas para prestar assistência espiritual aos ingleses residentes na Bahia, tal como ocorreu nas principais cidades portuárias do País.

Os presbiterianos chegaram à Salvador buscando organizar uma congregação. Em 1871, um casal de missionários, um escravo e um homem livre fundaram a Igreja Presbiteriana, visando o trabalho de conquista de prosélitos baianos, expandiram-se para o Recôncavo e outras regiões do território baiano.

Em 1882, fazendo jus à sua característica proselitista, os missionários batistas fundaram a Primeira Igreja Batista do Brasil, em Salvador, Bahia. A escolha do local deveu-se a fatores geográficos e estratégicos, além dos religiosos. A pequena missão batista organizada sob os auspícios da Junta de Missões Estrangeiras da convenção Batista do Sul dos EUA desenvolveu, expandindo-se por várias regiões do interior baiano e do território nacional. Em 1910 uma dissidência no interior da Denominação Batista organizou a Igreja Independente do Garcia e posteriormente a Missão Batista Independente, autônoma financeira e administrativamente da Convenção Batista, dirigida pelos missionários norte-americanos.⁴

Congregacionais e Metodistas chegaram à Bahia na segunda metade do século XX, quando as demais denominações históricas já estavam consolidadas no cenário religioso local.

A PRESENÇA PROTESTANTE EM FEIRA DE SANTANA

Ao que parece o acordo entre o Rev. Taylor, missionário batista fundador da Primeira Igreja Batista do Brasil e o missionário Schneider, de origem presbiteriana, foi levado a sério, pelo menos nas duas últimas décadas do século XIX: os batistas expandiram-se para o Recôncavo baiano, sudeste, sul e norte da Bahia, enquanto os presbiterianos avançaram para a Região de Feira de Santana e Chapada Diamantina (Wagner).

A Igreja Presbiteriana do Brasil só estabeleceria uma congregação em Feira de Santana na segunda metade do século passado, porém esforços e atividades evangelísticas foram promovidas desde o final do século XIX. Em 1889 o Rev. G. Chamberlain, missionário norte-americano presbiteriano distribuía Bíblias e folhetos evangélicos e realizava cultos públicos. Conforme a folha do Norte, em uma dessas atividades *“é vaiado o pastor protestante Chamberlain, cidadão norte-americano, ao iniciar na praça João Pedreira, uma conferência de propaganda religiosa. A polícia intervém no sentido de dispersar os agressores, que retornavam de uma procissão. Estabeleceram-se correrias e tumultos. Sahem feridos, a pedra, diversas*

⁴ SILVA, Elizete da. *A Missão Batista Independente: Uma Alternativa Nacional*. Salvador: UFBA, 1982.

peças”.⁵

A Igreja Presbiteriana deu continuidade as suas atividades sem muito sucesso. O Rev. Chamberlain não se amedrontou e voltou a cidade em tarefas missionárias, tendo falecido na cidade de Feira de Santana está sepultado no Cemitério Piedade, foi vítima de malária.

Em 1935 chega a Feira de Santana o casal Isobel C. Gillanders e Roderick M. Gillanders. Inicialmente missionários da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, filiaram-se à União Evangélica Sul – Americana. Após dois anos de intenso trabalho proselitista, em 1937 organizou-se a **Igreja Evangélica Unida de Feira de Santana**, a primeira denominação protestante a fixar-se na Princesa do Sertão.

Conforme as memórias da missionária Isobel Gillanders, os primeiros anos foram muito difíceis: perseguições e intolerância por parte do clero católico, que ameaçava até os fiéis que alugassem casas para os “*crentes fazerem o seu culto*”.⁶ Nos primeiros anos a congregação era formada pela família dos missionários e uma dezena de irmãos, porém, gradativamente o grupo cresceu e ganhou visibilidade na região.

O casal Gillanders era de origem neozelandesa e tradicionalmente pertencentes a denominação congregacional, porém batizavam os membros da congregação por imersão e mantinham um certo espírito ecumênico em relação aos demais grupos protestantes existentes na região. Ao que parece o Rev. Roderick não cultivava o denominacionalismo excludente dos missionários norte-americanos. Em 1949 os Estatutos da Igreja, assinados por R. Gillanders como pastor, manteve a designação de Igreja Evangélica Unida de Feira de Santana, porém a partir de 1966 a comunidade adotou o título e as concepções doutrinárias do fundamentalismo, pleiteando uma maior pureza evangélica, ética e litúrgica e um explícito conservadorismo comportamental e político para sua membresia.

Conforme Antonio Alves da Silva, um dos mais antigos membros vivos da comunidade e poeta cordelista, a Igreja passou a se denominar fundamentalista por razões externas e internas. Além do grupo se opor às tendências políticas de origem socialista que na década de 60 se opunha ao governo militar instalado no País em 64, também criticava o movimento de renovação carismática que atingiu as denominações protestantes históricas, o qual introduzira uma liturgia mais participativa e movimentada nos cultos evangélicos. *Apoiado o movimento / Contra a idéia comunista/ A igreja muda o nome Para fundamentalista/ Firme na base apostólica Um novo ideal conquista.*⁷

⁵ Folha do Norte. Coluna Vida Feirense 24/03/1940 p.04.

⁶ GILLIANDERS, Isobel. *A História Inacabada. Feira de Santana*. Planzo Serviços mimeográficos. 1990. P.23 e s.

⁷ SILVA, Antonio Alves. Aniversário da Reconstrução do Templo da Igreja Evangélica Fundamentalista. in *Breve História da Igreja Evangélica Fundamentalista*. Cordel. Fundamentos. 1999 p.6/7.

Na década de cinquenta o grupo consolidou-se e ganhou visibilidade na cidade, adquiriu um terreno e construiu um amplo templo, em nada parecido com a pequena sala alugada, apesar das pressões do padre católico, no Bairro Olhos D'água onde aconteceram os primeiros cultos dirigidos pelo Rev. Roderick.

A composição social do grupo vinculava-se às camadas mais baixas da sociedade feirense, que geralmente compunha-se de migrantes que se deslocavam de outros sertões do nordeste em busca de emprego e sobrevivência na Princesa do Sertão, a qual na década de 40 do século passado destacava-se no cenário nordestino como uma promissora cidade com um vasto comércio e alvissareiras oportunidades para nordestinos que viviam/sobreviviam às intempéries climáticas e aos desmandos governamentais.⁸

Não só a Igreja Evangélica Unida, mas as demais denominações protestantes em Feira de Santana, foram espaços de sociabilidade, comunidade participativa, representações simbólicas de relações familiares para uma fatia densa da população migrante e flutuante que chegava à região feirense no período estudado. O fiel que visitava os cultos tornava-se um interessado que merecia toda atenção pastoral e, geralmente, de visitante tornava-se um fiel praticante. Segundo o testemunho de Limeira Neto: *“Minha adaptação na Igreja foi rápida, os crentes me acolheram como irmão; em pouco tempo percebi que ganhara uma nova família.”*⁹ Antonio Limeira Neto batizou-se logo depois prosseguiu os estudos como seminarista, no Rio de Janeiro, tendo em 1957 assumido o pastorado da própria comunidade que o acolhera inicialmente.

Em 1995, limite cronológico desta pesquisa, a referida Igreja Fundamentalista contava, além da comunidade da sede, com três congregações e oito pontos de pregação em cidades da região e do Recôncavo baiano. Contava com um total de 250 membros batizados.

OS BATISTAS

Os batistas chegaram a Feira de Santana no início da década de 40. Em outubro de 1941 o jornal Folha do Norte noticiou a presença de uma caravana evangélica *“da Igreja Dois de Julho da capital da Bahia, devendo fazer pregações pela manhã e tarde do dia 05 de outubro, sendo liderada pelo talentoso pastor Ebenezer Gomes Cavalcante, da qual também faz parte o pastor Rev. Alfredo Mignac”*¹⁰ No mesmo ano organizou-se a Congregação Batista em Feira de Santana sob os auspícios da Igreja Batista de Nazaré das Farinhas e o apoio do Pastor da Igreja Batista de Serrinha, cidade próxima à Feira de Santana.

⁸ LIMEIRA NETO, Antonio. *Da Seca à Fonte*. São Paulo: Naós. 2000. p.60.

⁹ Idem p. 61

¹⁰ Jornal Folha do Norte. n ° 1682. 4/10/1941 p. 01.

Em 1947 a congregação tornou-se a Primeira Igreja Batista de Feira de Santana, tendo como presidente do concílio de instalação o Rev. M. G. White, missionário norte-americano da junta de Richmond.

Na década de 60 instalou-se a 4ª Igreja Batista de Feira de Santana, denominada posteriormente de Igreja Batista Alvorada com 48 membros fundadores. Com um crescimento lento, mas contínuo a comunidade cresceu, organizando pontos de pregação e posteriormente congregações em logradouros da periferia da cidade: no bairro Aviário e Mundo Novo e uma congregação no litoral norte da Bahia, em Sítio do Conde, seguindo a tradição proselitista dos batistas.

Um ano após a sua fundação 1964, a Igreja Batista Alvorada aderiu a Campanha Nacional de Evangelização da Convenção Batista Brasileira. Campanha esta que queria ser uma resposta dos batistas à fermentação política que culminaria com o golpe de 64. As “clarinadas da fé” visavam levar a população brasileira a um encontro com o evangelho. Com o slogan “Jesus Cristo, esperança nossa”, receitava-se o Evangelho como remédio para os problemas vividos pelo país. *“Quanto mais o evangelho de Jesus Cristo, em toda a sua pureza e integridade, vencer no Brasil, tanto mais longe ficaremos de qualquer ditadura ou forma de pressão.”*¹¹

Nem a Primeira Igreja Batista de Feira de Santana, muito menos a Igreja Batista Alvorada fizeram quaisquer comentários sobre o golpe militar de 64. Houve, ao contrário, um silêncio revelador que compactuava com a adesão e acolhimento das lideranças da Convenção Batista Brasileira ao golpe e a reverberação da condenação aos comunistas: *“O presidente que estava fazendo um jogo extremamente perigoso foi afastado. A democracia já não está mais ameaçada. A vontade do povo foi entendida e respeitada... o povo brasileiro por sua índole, pela sua formação, repele os regimes totalitários e muito particularmente o regime comunista”*¹² Seguindo a prática conservadora de legitimar as autoridades constituídas, os batistas cantavam loas pela salvação do País das garras dos vermelhos, ao mesmo tempo em que intensificavam o proselitismo triunfalista que proclamava “Cristo a Única Esperança”.

Nas primeiras décadas, a composição social das congregações batistas vinculava-se às camadas mais baixas da população: ao longo dos livros de atas, registram-se pedidos de auxílio para irmãos mais pobres cuidarem da saúde e de outras necessidades básicas. Convém destacar que as mulheres eram a maioria nas comunidades, seguindo assim uma tendência visível em outras denominações pesquisadas no Estado da Bahia. A partir da década de 80, portanto em quase quatro décadas de existência do trabalho batista em Feira de Santana, começou a haver uma certa diversificação na composição social da membresia: registram-se a presença de alguns

¹¹ Jornal Batista 12/04/1964 p. 3.

¹² Idem.

profissionais liberais, pequenos comerciantes e professores, os quais seriam sempre muito prestigiados, exercendo cargos de liderança na congregação local.¹³

Além dos Batistas da Convenção Brasileira, estão presentes em Feira de Santana, no período estudado a Igreja Batista Independente Filadélfia, fundada em 1963 e a Igreja Batista Missionária, vinculada a Convenção Batista Nacional, doutrinariamente carismática e organizada na região na década de 70.

No início da década de 60, como uma demonstração do crescimento batista e da importância de Feira de Santana na estratégia expansionista dos princípios batistas, foi organizado o Instituto Bíblico Batista, para a formação de novos pastores e obreiras, recentemente transformado em Seminário Batista do Nordeste do Brasil. Convém salientar que desde as suas origens até o limite cronológico deste trabalho (1995) o seminário foi sustentado financeiramente e dirigido por missionários norte-americanos da Junta de Richmond.

OS PENTECOSTAIS

A primeira congregação da Assembléia de Deus na Bahia organizou-se em 1930, na capital do estado, pelos esforços do missionário Otto Nelson.

Em Feira de Santana a congregação central da Assembléia de Deus instalou-se em 1939, próxima a estação Rodoviária, local de intensa movimentação de moradores da cidade, passageiros e migrantes que se deslocavam para outras regiões do Estado e do País, especialmente para São Paulo. Feira de Santana no período não era apenas um grande centro comercial, mas uma cidade entroncamento, ligando por linhas de transportes terrestre o Nordeste e o Sudeste do País. Confirma-se, assim a tendência do protestantismo de origem pentecostal de desenvolver-se em cidades de grande concentração populacional e em crescente urbanização. Em 1958 a Assembléia de Deus contava com 3 templos e vários pontos de pregação, perfazendo um total de 338 membros batizados. No limite cronológico deste trabalho os assembleianos estavam em quase todos os bairros da cidade e na zona rural próxima, contando com 80 templos e quase 10.000 fiéis praticantes.¹⁴ Do ponto de vista político são conservadores. Conforme uma tendência nacional, os assembleianos têm buscado espaço político e eleger seus representantes. A Assembléia de Deus em Feira de Santana já teve um vereador e nas últimas eleições tentou eleger dois candidatos à Câmara de Vereadores da cidade, não tendo êxito.

¹³ Livros de Atas da Primeira Igreja Batista de Feira de Santana e da Igreja Batista Alvorada.

¹⁴ Estatística do Culto Protestante no Brasil e Entrevista oral com informantes válidos da comunidade.

OS NEOPENTECOSTAIS

Escolheu-se enfocar a Igreja Universal do Reino de Deus em virtude da sua visibilidade nacional e do crescimento que tem tido na Bahia. A primeira congregação da IURD organizou-se em Salvador no início da década de 80, numa pequena sala de subsolo num prédio do centro da cidade. Imediatamente desenvolveu-se atingindo o interior do Estado e a região feirense. Em 1985 a IURD central instalou-se numa das principais ruas de Feira de Santana. Segundo a característica espetacular do grupo, que constrói grandes catedrais, a central feirense comporta em torno de 4000 pessoas e tem atualmente 3.000 fiéis nos seus quadros, a Catedral da Fé, em Salvador tem capacidade para 5.200 pessoas.¹⁵ Segundo o pastor da Igreja Central existe atualmente mais de 30 templos espalhados nos diversos bairros da cidade. Localizam-se em logradouros de grande concentração popular, geralmente próximos a pontos de ônibus ou mercados.

Conforme uma tendência nacional, a IURD na Bahia tem garantido espaço político. Em Feira de Santana conta com 2 vereadores os quais têm sempre pautado a atuação política voltada para os interesses da comunidade iurdiana¹⁶, numa clara relação clientelista que tem orientado os políticos conservadores no País e a tradição coronelística do interior baiano.

No que se refere a composição social, a mensagem “iurdiana” tem atraído, significativamente, fiéis de baixa renda, pessoas desempregadas ou de classe média pauperizada em busca de alternativas de sobrevivência. “*O pentecostalismo oferece certas vivências e valores aos pobres o que os ajudam a melhor enfrentar suas dificuldades cotidianas, ou seja, essas igrejas ajudam na sobrevivência, se constituindo, entre outras coisas, num instrumento de enfrentamento da pobreza*”¹⁷ Na teologia pentecostal, Deus é grande e é Senhor de todas as riquezas, portanto só ele pode libertar o fiel da pobreza. Certamente que a chamada “teologia da prosperidade” constitui-se como um grande atrativo para homens e sobretudo mulheres pobres e desamparadas, órfãos e viúvas de políticas sociais públicas esquecidas pelo Estado neoliberal.

A membresia das congregações iurdianas compõe-se majoritariamente de mulheres. Buscar as razões de tal preferência feminina é uma tarefa que exige maior aprofundamento de nossas pesquisas.

¹⁵ A Folha Universal n ° 459 – Jan 2001 p. 1.

¹⁶ A Folha Universal outubro a dezembro de 2000.

¹⁷ MARIZ, Cecília. Pentecostalismo e a Luta Contra a Pobreza no Brasil in: *Na Força do Espírito*. p. 171.

CONCLUSÃO

O protestantismo histórico que se desenvolveu em Feira de Santana manteve as características básicas das denominações brasileiras, uma certa atitude contra-cultura que condenava as manifestações culturais tradicionais da cidade. Ao mesmo, e de forma vinculada, o anticatolicismo esteve presente, ocasionando práticas intolerantes e excludentes. Apesar disso as denominações históricas consolidaram-se e passaram a ter visibilidade no cenário local, convertendo os seus fiéis, basicamente, do catolicismo.

Quanto aos grupos pentecostais e neopentecostais acharam terreno fértil no contexto das mudanças urbanas e demográficas da cidade, atraindo fiéis que migravam para a região feirense em busca de alternativas de sobrevivência e emprego numa cidade em franco desenvolvimento comercial.

O crescimento vertiginoso dos grupos pentecostais e neopentecostais proporcionaram mudanças no campo religioso feirense majoritariamente católico até a década de 50. Por outro lado, os neopentecostais tem buscado o uso constante da mídia: a IURD tem uma rádio AM e um pool de grupos carismáticos e da Igreja Renascer controlam duas rádios FM.

O protestantismo em Feira de Santana não é mais uma “planta exótica”, as denominações protestantes aqui abordadas já têm um espaço garantido na sociedade feirense. Assim, urbanização, pobreza crescente numa economia globalizada aliados a um revigoreamento da religiosidade ao nível geral, configuram-se como o contexto histórico que tem permitido a expansão protestante.

REFERENCIAS

CAMPOS, Leonildo et alli. *Na Força do Espírito. Os pentecostais na América Latina: um desafio às Igrejas Históricas*. São Paulo: AIPRAL. 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 90.

CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. S. Paulo: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1960

CRUZ, Rossine Cerqueira da. *A Inserção de Feira de Santana nos processos de Integração Produtiva e Descontração Econômica Nacional*. Campinas: Tese de Doutorado. UNICAMP, 1990.

FERREIRA, Júlio. *História da Igreja Presbiteriana no Brasil*. São Paulo. Presbiteriana. 1959.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: Influência da Industrialização – 1970-1996*. Salvador: Dissertação de Mestrado. UFBA, 1988.

GILLIANDERS, Isobel. *A História Inacabada. Feira de Santana*. Planzo Serviços mimeográficos. 1990.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEONARD, Emile. *O Protestantismo Brasileiro Estudo de Eclesiologia e História Social*. São Paulo: ASTE.

LIMEIRA Neto, Antonio. *Da Seca à Fonte*. São Paulo: Naós, 2000.

Livros de Atas da Primeira Igreja Batista de Feira de Santana e da Igreja Batista Alvorada.

MARIZ, Cecília. Pentecostalismo e a Luta Contra a Pobreza no Brasil in *Na Força do Espírito*.

POPPINO, Robie. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.

ROLIN, Francisco Cartaxo. *Os Pentecostais no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVA, Antonio Alves. Aniversário da Reconstrução do Templo da Igreja Evangélica Fundamentalista. in *Breve História da Igreja Evangélica Fundamentalista*. Cordel. Fundamentos. 1999.

SILVA, Elizete da. *A Missão Batista independente: Uma Alternativa nacional*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1982.

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1998.

TEIXEIRA, Marli Geralda. *Os Batistas na Bahia – 1882-1925*. Salvador: FFCH. UFBA. 1975.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.